

AO MARECHAL COSTA E SILVA

Rubem Braga

TODO tipo de terrorismo é detestável, mas esse das bombas-relógios tem as piores características de covardia e irresponsabilidade. Um alucinado do tipo Manso de Paiva, que avança de punhal contra a sua vítima, está, no mesmo instante, arriscando a vida. A bomba-relógio explode quando o criminoso já está longe, esperando, com um rádio transistor na mão, ouvir a notícia do crime e os nomes de suas vítimas, quase nunca exatamente as pessoas visadas.

Essa explosão do Recife deixa-nos a todos perplexos, pois é difícil imaginar a quem interessa atentar contra a vida do marechal Costa e Silva. É um crime da pior espécie, e, ao mesmo tempo, uma provocação hedionda. Alguns inocentes — três, segundo a notícia que tenho no momento em que escrevo — perderam a vida devido a esse ato inqualificável de paixão política. Muitos outros, feridos, penam nos hospitais. Mas, a contagem das vítimas não cessa aí. Na justa urgência de descobrir os criminosos, a Polícia encarcera, aos montes, todos os que no seu entender devem ser considerados suspeitos de autoria ou de cumplicidade. Quando sabemos os excessos a que se entregaram, no Recife, as autoridades policiais civis e militares depois da vitória da Revolução, podemos imaginar o que não farão enquanto não conseguirem descobrir o autor ou os autores do atentado.

É pensando nisso que queremos deixar aqui um apêlo ao marechal Costa e Silva. Ele nada poderá fazer para diminuir a tristeza dos que perderam seus entes queridos. Já sabemos que foi confortar os feridos com sua presença. Pense agora nas vítimas do outro lado; é inevitável, num caso dêesses, que muitos inocentes sofram pelos criminosos, e ninguém pensa em negar às autoridades o uso de todos os meios para apurar o crime. É preciso, entretanto, que entre esses meios não se incluam aqueles que por si mesmos já constituem outros crimes. A advertência não teria cabimento se no ano passado a opinião nacional não tivesse sido abalada pela notícia de violências e torturas aplicadas nas prisões e nos quartéis do Recife. É possível que o criminoso não sinta qualquer remorso pelos que vão pagar na cadeia a sua culpa, e até mesmo que, por uma deformação monstruosa de cálculo político, ache que convém aos seus interesses o desencadeamento de violências geradoras de ódios e revoltas.

Mesmo sem levar em conta o aspecto moral do caso — a tortura policial é tão execrável quanto o pior terrorismo, porque é o terrorismo dos que agem em nome da lei — não convém ao marechal Costa e Silva, como não convém ao Brasil, o acirramento de ódios e rancores. Instaurar o terror, é fazer o jogo dos terroristas. Que estes sejam descobertos e punidos quanto antes e de maneira exemplar, são nossos sinceros votos. Mas que as autoridades trabalhem com a cabeça e não com os pés.

O Brasil está cansado de histórias tôrvas de violências e vinganças. Quer paz, quer justiça, quer serenidade para trabalhar. Outra coisa não há de desejar o homem que se prepara para a pouco invejável tarefa de governar o Brasil. Um gesto inteligente e generoso de sua parte, usando todo o seu prestígio para prevenir perseguições inúteis e odiosas — é o que ousamos pedir e esperar.

26/7/66